

## Variação linguística e diversidade cultural em amostras de livros de inglês como língua adicional para adultos

*Linguistic variation and cultural diversity in samples of English as an additional language textbooks for adults*

Fernanda GRUENDLING (UniRitter)  
*fgruendling@hotmail.com*

GRUENDLING, Fernanda. Variação linguística e diversidade cultural em amostras de livros de inglês como língua adicional para adultos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 457-474, ago./dez. 2017.

**Resumo:** Os livros didáticos geralmente apresentam a língua inglesa na variedade entendida como a “padrão”, porém o idioma possui infinitas possibilidades de comunicação, vocabulário e construções que dependem da localização geográfica, grupo social ou cultura local. Além disso, a globalização permite que pessoas do mundo inteiro dividam, de certa forma, a propriedade da língua inglesa, contribuindo com sua parcela de influência cultural e linguística sobre o idioma. O objetivo deste artigo é verificar se há recomendações, notas ou quaisquer informações sobre variação linguística, assim como apresentação de diversidade cultural, em amostras de quatro livros do aluno e respectivos livros do professor disponibilizados na Internet por editoras internacionais. Tal verificação tem como base conceitos apresentados por David Crystal (2003) e William Labov (2008). A observação constata que os materiais apresentam quase nenhuma informação sobre variação linguística e que a demonstração de diversidade cultural através de imagens, textos e assuntos varia de acordo com o material: mais diversidade em amostras de livros de inglês britânico e menos diversidade em amostras de livros de inglês americano.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Diversidade cultural. Livro didático.

**Abstract:** Classroom materials usually present linguistic content in standard English, but the language offers infinite possibilities for communication, vocabulary and structures which depend on geographic location, social group, and local culture. Besides, globalization allows people from all over the world to share, to a certain extent, ownership of the English language, contributing culturally and linguistically to its expansion. The objective of this article is to verify the existence of recommendations, notes or any information regarding linguistic variation, as well as the display of cultural diversity, in samples of four textbooks and their teacher's editions made available online by international publishers. Literature by David Crystal (2003) and William Labov (2008) is presented. The observation shows that the materials have almost no information about linguistic variation and that cultural diversity through images, texts and subjects varies according to the material, with more diversity in British English textbook samples and less diversity in American English textbook samples.

**Keywords:** Linguistic variation. Cultural diversity. Textbook.

## Introdução

Por muitos anos, estudar inglês significou a aspiração de falar o idioma como um “nativo”, com o aluno tentando igualar o seu sotaque ao dos filmes americanos ou das bandas de rock britânicas. A mídia fornecia – mesmo que muitas vezes de forma idealizada ou estereotipada – as imagens, sons e informações da vida nos Estados Unidos e no Reino Unido, criando conceitos no imaginário do aprendiz e de certa forma incitando a assimilação deste com a cultura dos dois países. Além disso, a ideia do aluno era de que o material usado para o estudo, independente da linha adotada por cada editora, seria o suficiente para instruí-lo no idioma e ajudá-lo a se comunicar em qualquer situação e lugar.

No entanto, a globalização econômica iniciada há cerca de vinte anos levantou a manta que por muitos anos escondeu os aspectos locais, culturais e sociais dos países que utilizam a língua inglesa, revelando que a maioria dos americanos não falam como Rachel Green de *Friends*, que a maioria dos britânicos não soam como o inglês da BBC e que a imigração contribui para a diversidade cultural e linguística de qualquer localidade. A abertura de fronteiras geográficas e econômicas foi seguida pela revolução digital, que nunca possuiu fronteiras. O acesso à informação, a conteúdos e ao conhecimento reforçou a necessidade de integração de grupos e interação entre populações, e dessa forma os aprendizes de inglês como língua adicional (*English as an additional language* – EAL<sup>1</sup>) viram-se com a possibilidade não só de falar com o americano, mas também com o japonês, o nigeriano, o russo, etc.

<sup>1</sup>O termo *língua adicional* exprime uma ideia que vai além das características geográficas de onde o idioma é aprendido e inclui questões de identidade e multilinguismo que não ficam evidentes com os termos “língua estrangeira” e “segunda língua”. Para mais detalhes, ver Brisolará (2012).

Levando tais ideias em consideração, pode-se perguntar se a globalização ocorrida na sociedade vem sendo refletida nos livros didáticos de EAL para adultos. A hipótese levantada é que, mesmo com a “glocalização, onde o global está localizado e o local está globalizado” (ROBERTSON *apud* KUMARAVADIVELU, 2006, p. 134), os livros didáticos de inglês para adultos apresentam somente o inglês padrão e abordam predominantemente aspectos culturais dos Estados Unidos (EUA) e do Reino Unido (RU), de acordo com a linha de inglês seguida pelo material (inglês americano ou inglês britânico, respectivamente).

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é verificar se existem quaisquer informações sobre variação linguística em quatro amostras de livros de EAL e se aspectos de diversidade cultural, através de imagens ou textos, são apresentados. Para realizar a investigação, algumas questões são postas:

- a) Existe alguma recomendação, nota de rodapé, quadro explicativo, ou qualquer tipo de informação, tanto no livro do aluno quanto na edição do professor, sobre variação linguística?
- b) O assunto usado para desenvolver determinado conteúdo linguístico é predominantemente relacionado com a cultura americana ou a cultura britânica?
- c) O material apresenta qualquer aspecto de diversidade cultural, através de imagens ou textos?

O *corpus* deste estudo são amostras em PDF de capítulos de quatro livros do aluno e do professor das editoras Cambridge e Macmillan. Tais amostras são disponibilizadas sem custo na Internet pelas editoras, para apreciação do material. A verificação tem como aporte teórico conceitos de variação linguística apresentados por William Labov (2008), assim como *New Englishes*, por David Crystal (2003).

## Referencial teórico

### *Variação linguística e os estudos de William Labov*

Segundo o *Dicionário de Linguística*, o termo *variação* é definido como:

[...] o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar ou num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social. (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 609).

Ou seja, a maneira como nos comunicamos no dia a dia modifica-se de acordo com o local em que falamos e as pessoas com quem interagimos. As variações podem ocorrer em diversas esferas, entre elas a morfológica, a fonética e a sintática (TAGLIAMONTE, 2012), e são influenciadas pelas “pressões sociais” (LABOV, 2008, p. 21).

William Labov foi pioneiro nas pesquisas sobre variação linguística considerando fatores sociais, iniciadas na década de 1960 nos EUA. Tais pesquisas popularizaram a sociolinguística, mas o próprio autor relutou em adotar esta terminologia, já que “não se pode conceber uma lingüística que não seja social” (LABOV *apud* MONTEIRO, 2000, p. 16).

Labov (2003) observa que os aspectos linguísticos que mais apresentam variação nos EUA são as diferentes pronúncias de vogais e certas combinações de letras, sendo possível localizar geográfica e socialmente determinado indivíduo ou grupo de acordo com a sua pronúncia. Tal variação pode gerar nas pessoas atitudes tanto positivas quanto negativas frente a falantes de diferentes regiões e grupos sociais, e pode até mesmo fazer as pessoas demonstrarem atitudes positivas ou preconceituosas em relação a sua própria fala. O autor traz o exemplo das cidades de Nova York e Filadélfia, onde seus habitantes possuem distintos traços de pronúncia de certas vogais. Ao mesmo tempo que moradores de Nova York veem de forma positiva a diferente pronúncia produzida pelas pessoas da Filadélfia, e vice-versa, os habitantes de cada cidade podem ter uma visão negativa de sua própria pronúncia. A esse respeito, Labov afirma que “aqueles que usam a forma estigmatizada no nível mais alto na sua própria fala casual são os primeiros a estigmatizar na fala dos outros”<sup>2</sup> (LABOV, 2003, p. 244). O fato mais interessante é que esse tipo de variação não se dá somente em regiões maiores, como cidades e estados, mas também é visível em espaços bem menores, como uma pequena ilha ou uma loja de departamentos.

As observações de tais microcosmos da sociedade foram temas dos seus estudos iniciais sobre a variação da pronúncia e mudanças linguísticas. O primeiro (LABOV, 2008) foi feito com grupos de pessoas que habitavam a ilha de Martha's Vineyard, situada no estado de

<sup>2</sup> Texto original: “Those who use the highest degree of a stigmatized form in their own casual speech are quickest to stigmatize it in the speech of others”.

Massachusetts, na costa leste dos EUA. Labov propôs que não seria possível “entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21), e demonstrou que uma maneira específica de pronúncia pode aproximar ou distanciar indivíduos ou grupos. O autor relata o caso de dois moradores em especial:

Podemos aprender muito sobre a centralização estudando essas histórias de famílias específicas. Os dois informantes que encabeçam a lista de falantes centralizadores [...] são pai e filho. O pai, um pescador de lagosta de Chilmark, é um homem sério e instruído, com um interesse apaixonado pela história da indústria baleeira; talvez ele seja o porta-voz mais eloquente da mais antiga tradição vineyardense [...]. O filho é um graduado de nível superior que tentou a vida na cidade grande, não se interessou por ela, voltou para a ilha e ergueu diversas empresas comerciais bem-sucedidas nas docas de Chilmark. Exibe um (ay) elevado, em 211, consideravelmente mais centralizado do que qualquer outra pessoa que ouvi em Chilmark. Certa noite, enquanto jantava na casa de seus pais, a conversa girou em torno das maneiras de falar em geral, sem nenhuma referência específica a (ay) ou (aw). A mãe dele observou: “Sabe, o E. nem sempre falou desse jeito... foi só depois que ele voltou da faculdade. Acho que ele queria ficar mais parecido com os homens das docas...”. (LABOV, 2008, p. 51-52).

No segundo estudo (LABOV, 2008), o autor observou a estratificação social que existia em três diferentes lojas de departamentos da cidade de Nova York em 1962, levando em conta a pronúncia do (r), que carregava mais prestígio social, ou sua omissão. Os resultados mostraram que a loja que vendia produtos mais caros e atendia um público com maior poder aquisitivo possuía mais funcionários que pronunciavam o (r) do que a loja que atendia um público com menos posses.

Uma característica importante nos estudos de Labov é a extensa pesquisa sobre o local, o ambiente, as profissões das pessoas, suas idades e muitas outras informações que cercam os indivíduos ou grupos que serviram de objetos de suas pesquisas. A linguagem não se dá no vácuo, e os fatores externos (geográficos, sociais e culturais) influenciam nas mudanças linguísticas.

Outra característica importante em seus trabalhos é que o autor criou maneiras de gerar dados que representassem a pronúncia espontânea. Um fator interessante no estudo das lojas de departamentos em Nova York foi a inclusão de variáveis para analisar a pronúncia do (r): primeiramente o entrevistador (o próprio Labov) perguntava onde ficavam os sapatos femininos, obtendo a resposta “*Fourth*

*floor*” (Quarto andar), de forma espontânea. Após, ele dizia “Como?” e obtinha quase sempre<sup>3</sup> a mesma resposta, mas dessa vez de forma enfática e monitorada (LABOV, 2008, p. 70). Em geral, quando sabemos que estamos sendo monitorados ou se nossa fala será registrada de alguma forma, procuramos observar como dizemos algo e muitas vezes modificamos nossa pronúncia. Além disso, Tagliamonte (2012, p. 2) coloca que a “variação na língua é melhor observada na linguagem do dia a dia”<sup>4</sup>, ou seja, da mesma maneira que observamos a pronúncia, também podemos monitorar o que falamos, escolhendo cuidadosamente as palavras. Nesse sentido, é possível considerar que há diferença entre o que ouvimos nas ruas e o que se produz para ser registrado, seja na fala, na mídia ou nos livros didáticos.

### *New Englishes*

Há diversas razões que estabeleceram o inglês como a língua de referência para a comunicação mundial, assim como outras línguas já tiveram o seu momento de glória, como o francês até meados do século 19 e o latim no longínquo domínio do Império Romano. Economia, política, colonização, artes e cultura, todos são fatores que propiciam o avanço de um idioma em termos mundiais. Segundo Crystal (2003, p. 7), “sem uma forte base de poder, de qualquer que seja o tipo, nenhuma língua consegue progredir como um meio de comunicação internacional”<sup>5</sup>.

Essa influência gera reações antagônicas; assim como há as nações que abraçam a influência de fora, outras passam a ter um ressentimento em relação ao poder externo. Crystal cita os escritos de Ghandi em 1908, quando a Índia era colônia do RU, que atacavam ferozmente a dominação inglesa:

Dar a milhões o conhecimento do inglês é escravizá-los... Não é doloroso o fato de que, se eu quero ir para um tribunal, eu preciso empregar a língua inglesa como meio; que, quando me tornei um advogado, eu não posso falar minha língua materna, e que outra pessoa deve traduzir para mim a minha própria língua? Isso não é absolutamente

<sup>3</sup> Algumas pessoas, na segunda resposta, diziam somente “Fourth!” (Quarto!).

<sup>4</sup> Texto original: “Variation in language is most readily observed in the vernacular of everyday life”.

<sup>5</sup> Texto original: “Without a strong power-base, of whatever kind, no language can make progress as an international medium of communication”.

absurdo? Isso não é um sinal de escravidão?<sup>6</sup> (GHANDI *apud* CRYSTAL, 2003, p. 124).

Esse distanciamento da nação colonizadora, ou mesmo o desejo de separação de uma região do resto de sua nação, pode fazer com que a língua materna seja substituída, neste caso, pelo inglês. Crystal (2003) expõe o caso da Argélia, que instituiu o inglês como língua estrangeira oficial em suas escolas no lugar do francês (a Argélia foi uma colônia francesa até 1962) e, em 1996, o norte da Itália debateu a secessão do resto do país e alguns dos apoiadores sugeriram a implementação do inglês como língua oficial ao invés do italiano.

Questões culturais e de identidade andam lado a lado com as línguas faladas em qualquer região ou país, e Crystal (2003) coloca que o desejo de ser ao mesmo tempo entendido em qualquer lugar e de manter sua identidade faz um verdadeiro cabo de guerra com o falante. O autor sugere que qualquer defesa mais enfática de uma dessas forças pode gerar conflito, o que leva a crer que qualquer imposição em relação à maneira como nos comunicamos pode ser um tiro no pé, pois línguas são coisas vivas, que se modificam, e quem é responsável por essa modificação não são as autoridades, mas sim as populações que compartilham uma língua dentro e fora de fronteiras.

Nesse sentido, Crystal (2003, p. 60-61) traz o conceito dos círculos do inglês de Kachru (1985) para explicar que a língua inglesa, pelo alcance que tem em todo o mundo, não está mais sob a “tutela” dos países do *inner circle* (círculo interno), que são os países onde o inglês é a língua oficial ou dominante (incluindo EUA, RU, Austrália e Canadá). Os países que fazem parte do *outer circle* (círculo externo), como Índia, Cingapura e outros territórios que foram colônias britânicas, juntamente com os países que fazem parte do *expanded circle* (círculo expandido), que são todos os que reconhecem a língua inglesa como importante para as suas populações, também estão contribuindo para a evolução do idioma. Isso se dá porque o número de falantes de inglês como segunda língua ou língua adicional é maior do que os falantes nativos; além disso, o crescimento populacional em países dos *outer* e *expanded circles* é maior do que nos países do *inner circle*, e isso sem dúvida afeta diretamente o desenvolvimento da língua. De acordo com Crystal,

<sup>6</sup> Texto original: “To give millions a knowledge of English is to enslave them... Is it not a painful thing that, if I want to go to a court of justice, I must employ the English language as a medium; that, when I became a Barrister, I may not speak my mother-tongue, and that someone else should have to translate to me from my own language? Is this not absolutely absurd? Is it not a sign of slavery?”

Uma consequência inevitável desses desenvolvimentos é que a língua tornar-se-á aberta para os ventos da mudança linguística de maneiras totalmente imprevisíveis. A propagação do inglês pelo mundo já demonstrou isso, com o surgimento de variedades do inglês nos diferentes territórios onde a língua criou raízes<sup>7</sup> (CRYSTAL, 2003, p. 144).

Essas variedades do inglês, chamadas de *New Englishes* (Novos Ingleses), são caracterizadas por Crystal como similares aos dialetos que podem ser observados dentro dos países do *inner circle*, porém com dimensões muito maiores. Segundo o autor, “ao invés de afetar meros milhares de falantes, como tipicamente é o caso de dialetos regionais rurais e urbanos, eles se aplicam a milhões”<sup>8</sup> (CRYSTAL, 2003, p. 144). O autor aponta que as variedades *New Englishes* se dão em maior número pela alteração do vocabulário e estrutura gramatical e exemplifica com estruturas observadas no inglês falado em Gana (CRYSTAL, 2003, p. 153-156).

O autor também relata (CRYSTAL, 2003, p. 164-165) que combinações de palavras (*collocations*) diferentes do inglês padrão ou dos países do *inner circle* também são observadas nos *New Englishes* e que um dos inúmeros fatores que influenciam a aparição de novas construções é o *code-switching*. A constante troca entre línguas faz com que estruturas do inglês sejam incorporadas, ao mesmo tempo que estruturas de outras línguas acabam afetando o inglês falado nos países dos *outer* e *expanded circles*. É possível chamar os resultados dessas misturas de *Chinglish* (chinês e inglês), *Spanglish* (espanhol e inglês) e até mesmo *Brazinglish* (português e inglês), este último ganhando notoriedade com a Copa do Mundo de 2014. Alguns meses antes do evento futebolístico, um artigo na sessão de opinião do jornal *The New York Times* (BARBARA, 2013) educa os leitores sobre o fenômeno visto em restaurantes das cidades-sede, que se caracterizou por traduzir literalmente as palavras e frases do português para o inglês, formando exemplos como: *Meat of the sun with fried potato* (carne de sol com batatas fritas), *Chicken to the bird* (frango à passarinho) e *Against the Brazilian steak* (contra-filé à brasileira).

<sup>7</sup> Texto original: “An inevitable consequence of these developments is that the language will become open to the winds of linguistic change in totally unpredictable ways. The spread of English around the world has already demonstrated this, in the emergence of new varieties of English in the different territories where the language has taken root”.

<sup>8</sup> Texto original: “Instead of affecting mere thousands of speakers, as is typically the case with rural or urban regional dialects, they apply to millions”.

Embora esses exemplos sejam vistos com muito humor, e tudo isso começou com o *Chinglish* evidenciado nas Olimpíadas de Pequim em 2008, essas são realidades dos países do *expanded circle*. Um artigo da revista *Wired* (ERARD, 2008) revela que

em 2020, falantes nativos serão somente 15% da estimativa de duas bilhões de pessoas que estarão usando ou aprendendo a língua. A maioria das conversas em inglês já são entre falantes não-nativos que usam o inglês como língua franca.<sup>9</sup>

É evidente que saber todas as variedades de inglês existentes no planeta é impossível, assim como incluí-las no material que é usado para ensinar inglês como língua adicional. No entanto, elas não poderiam ser desconsideradas, já que as populações de falantes não nativos já são mais numerosas do que as de nativos, e isso inclui também aspectos de suas culturas. Os costumes, arte, literatura e manifestações de países dos *outer* e *expanded circles* podem ser fontes de disseminação de conhecimento tanto quanto os aspectos culturais dos países do *inner circle*, mais precisamente os EUA e o RU.

## Metodologia

Para a realização deste artigo, foram escolhidas quatro amostras de livros em PDF disponibilizadas pelas editoras Cambridge e Macmillan na Internet para avaliação e apreciação do material. Embora um levantamento de outras editoras tenha sido feito, as editoras previamente citadas foram escolhidas pois são as únicas que oferecem amostras em formato de arquivo PDF, do qual pode ser feito *download*, não sendo necessário estar conectado na Internet para realizar a verificação. Outras editoras oferecem apenas arquivos virtuais ou então exigem contato por e-mail ou preenchimento de cadastros para o possível envio de amostras.

Os livros do aluno (LA) e do professor (LP) são do nível intermediário pois, nesse nível, questões de variação linguística poderiam ser melhor discutidas e exemplificadas, tanto pelo professor quanto pelos próprios alunos. A classificação do nível intermediário do *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR) identifica o estudante como *independent user*, ou usuário independente, níveis B1 e B2 (para uma descrição completa, ver COUNCIL OF EUROPE, 2009).

<sup>9</sup> Texto original: “By 2020, native speakers will make up only 15 percent of the estimated 2 billion people who will be using or learning the language. Already, most conversations in English are between nonnative speakers who use it as a lingua franca”.

As amostras observadas foram as seguintes:

- a) *Empower* (Cambridge): inglês britânico;
- b) *Global*<sup>10</sup> (Macmillan): inglês britânico;
- c) *Interchange* (Cambridge): inglês americano;
- d) *Touchstone* (Cambridge): inglês americano.

Todas as amostras são de edições publicadas na década de 2010. A verificação foi manualmente realizada por meio de análise de imagens e textos. Os seguintes aspectos foram observados:

- a) variação linguística (morfológica, lexical, sintática, semântica, geográfica ou situacional);
- b) conteúdo cultural britânico ou americano (através de imagens e textos);
- c) diversidade cultural (outros países ou culturas, através de imagens e textos);
- d) conteúdo neutro (sem referência específica a alguma região, país ou cultura, através de imagens e textos).

## Resultados e discussão

Os resultados e comentários avaliativos das amostras são feitos sobre cada exemplar separadamente.

Tabela 1 – *Empower* (Cambridge) – Unidade 7, *House and home*.

Tabela 1 – Resultados da verificação do livro *Empower*.

	Variação Linguística	Conteúdo cultural americano ou britânico	Diversidade cultural	Conteúdo neutro
Nº Páginas (total 11)	01/11	06/11	06/11	10/11
Nº Imagens (total 25)	01/25	08/25	06/25	10/25
Nº Textos (total 11)	-	07/11	01/11	03/11

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme resultados da pesquisa.

A Tabela 1 mostra que, no total de 11 páginas do LA, somente uma possui conteúdo de variação linguística; seis páginas contêm textos ou imagens referentes à cultura americana ou britânica; seis páginas mostram textos ou imagens com diversidade cultural; e dez páginas

<sup>10</sup> A amostra do livro do professor não estava disponível no website da editora Macmillan. No entanto, um exemplar da edição impressa foi disponibilizado para a análise da unidade disponível em PDF no *website* da editora.

mostram textos e imagens com conteúdo neutro<sup>11</sup>. Das 25 imagens da unidade, uma refere-se à variação linguística; oito relacionam-se à cultura americana ou britânica; seis dizem respeito à diversidade cultural; e dez imagens são culturalmente neutras. Com relação ao número de textos, nenhum tratou sobre variação linguística; sete foram a respeito da cultura americana ou britânica; e três textos tiveram conteúdo neutro.

O aspecto de variação linguística constatado na amostra foi situacional (*sounding polite*), em que a garota vai encontrar os pais do namorado pela primeira vez. Há somente uma foto que mostra a moça e o pai apertando as mãos e uma explicação no exercício de pronúncia sobre a entonação de uma pergunta que soa mais educada do que outra. Observa-se a falta de expansão desse tópico; contudo, é importante mencionar que o conteúdo de áudio não fez parte da verificação, então é impossível dizer se há variação de sotaques regionais ou de outros países nos exercícios de *listening*.

Já no LP, foram observadas diversas possibilidades para que aspectos de variação linguística ou diversidade cultural surgissem em aula. As atividades de início da lição (*lead-in*) ou de continuação de algum exercício (*follow-up*) sugeriram perguntas que poderiam levar o professor ou alunos a abordarem tais temas. No entanto, em nenhum momento essas sugestões de discussão sobre variação foram explicitadas no LA. Além disso, muitas dessas atividades foram rotuladas como opcionais, o que pode desencorajar seu uso pelo professor que possui um calendário limitado. Em uma visão geral, esse material tem potencial para dar ideias para os professores que já possuem o hábito de buscar diferentes materiais para suas aulas, usando as dicas de atividades opcionais para talvez prepararem atividades que possam propor discussões além da gramática.

Tabela 2 – *Global* (Macmillan) – Unidade 2, *Lives and legends*.

**Tabela 2 – Resultados da verificação do livro *Global*.**

	Varição Linguística	Conteúdo cultural americano ou britânico	Diversidade cultural	Conteúdo neutro
Nº Páginas LA (total 11)	01/11	05/11	09/11	09/11
Nº Imagens LA (total 24)	-	04/24	09/24	11/24
Nº Textos LA (total 10)	-	04/10	06/10	-

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme resultados da pesquisa.

<sup>11</sup> Muitas das amostras contêm mais de um texto ou imagem por página, por isso os resultados podem ultrapassar o número total de páginas.

Conforme a Tabela 2, das onze páginas que compõem o LA, uma apresentou informações sobre variação linguística; cinco mostraram conteúdo relacionado à cultura americana ou britânica; nove páginas mostraram aspectos de diversidade cultural; e nove trouxeram conteúdo considerado neutro. Em relação ao número de imagens (24 no total), nenhuma teve relação com variação linguística; quatro imagens apresentaram a cultura americana ou britânica; nove imagens foram a respeito de diversidade cultural; e onze não fizeram alusão a qualquer aspecto cultural. Finalmente, do total de dez textos, nenhum foi sobre variação linguística; quatro trataram da cultura americana ou britânica; seis foram a respeito de outras culturas; e nenhum teve conteúdo neutro.

Diferente da amostra do livro *Empower*, as lições da amostra do livro *Global* mostram o LA com mais conteúdo neutro e culturalmente diversificado presentes em mais páginas, imagens e textos do que conteúdo americano/britânico. Mais uma vez o tópico de variação linguística foi abordado somente em uma página, porém essa parte, intitulada *Global Voices*, traz pessoas de diferentes países e partes do RU falando sobre um determinado assunto. *Global Voices* é recorrente ao longo do livro e segundo a apresentação da lição no LP,

Essas lições em *Global* são criadas para proporcionar aos alunos exposição a falantes autênticos de inglês, tanto nativos quanto não-nativos. [O objetivo é] expor os estudantes ao inglês falado com uma variedade de sotaques.<sup>12</sup> (CLANDFIELD; BENNE, 2011, p. 26).

Como o conteúdo de áudio não foi verificado, é impossível afirmar que a variação esteja contida em outras atividades de *listening*; porém, como os resultados do conteúdo impresso mostram a preferência ao conteúdo culturalmente diversificado em relação ao americano/britânico, é possível que esse padrão também seja encontrado nos exercícios de escuta.

A amostra desse material demonstrou possuir o maior número de tópicos culturalmente variados, aproximando-se mais da globalização, em que pessoas do mundo todo comunicam-se no idioma, compartilhando suas realidades e regionalidades.

<sup>12</sup> Texto original: “These lessons in *Global* are designed to provide students with exposure to authentic speakers of English from both native and non-native background. [The aim is] to expose students to English spoken with a variety of accents”.

Tabela 3 – *Interchange* (Cambridge) – Unidade 14, *Behind the scenes*.Tabela 3 – Resultados da verificação do livro *Interchange*.

	Variação Linguística	Conteúdo cultural americano ou britânico	Diversidade cultural	Conteúdo neutro
Nº Páginas LA (total 06)	-	01/06	01/06	05/06
Nº Imagens LA (total 13)	-	-	01/13	12/13
Nº Textos LA (total 03)	-	-	01/03	02/03

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme resultados da pesquisa.

A Tabela 3 mostra que, do total de seis páginas, nenhuma tratou sobre variação linguística; uma página apresentou conteúdo referente à cultura americana ou britânica; uma página mostrou diversidade cultural; e cinco páginas trouxeram conteúdo neutro. Com relação às 13 imagens da unidade, nenhuma foi sobre variação linguística e a cultura americana ou britânica; uma imagem demonstrou diversidade cultural; e 12 não fizeram alusões a aspectos culturais. No total de três textos, nenhum foi sobre variação linguística e cultura americana ou britânica; um texto teve relação com cultura de outros países; e dois textos tiveram conteúdo neutro.

A verificação constatou que, entre todas as amostras, esta foi a que menos mostrou conteúdo de quaisquer culturas, tendo apenas uma página dedicada a exemplos da cultura americana (nomes de filmes famosos deste país) e uma página dedicada à leitura de um texto sobre *Bollywood*. O resto do conteúdo foi mostrado de maneira neutra, sem alusão a um país ou região específicos. As imagens, que intercalaram fotografias e desenhos, também foram neutras, sem nenhuma característica cultural que saltasse aos olhos (com exceção da imagem ilustrativa do texto sobre *Bollywood*). Assim como na observação das demais amostras, o conteúdo de áudio não foi verificado, então se há algum aspecto de variação linguística através de diferentes sotaques, não foi possível ser constatado.

O LP apresentou instruções de sala de aula bem focadas nas atividades do LA, e ao mostrar predominantemente um conteúdo neutro, ideias para expansão do debate e das discussões mostraram-se bastante limitadas. Na única ocasião onde houve alusão à cultura americana, a instrução opcional dada no LP foi “[mostrar] um filme popular de língua inglesa durante esta unidade. Use-o para explicar vocabulário útil e conceitos”<sup>13</sup> (RICHARDS; HULL; PROCTOR, 2012, p. 92-T). Levando em

<sup>13</sup> Texto original “Show a popular English-language movie during this unit. Use it to explain useful vocabulary and concepts.”

consideração que o vocabulário e conceitos apresentados na unidade referem-se a etapas de produção de um filme e quem trabalha em sua preparação, o único vocabulário relevante estaria nos créditos do início e fim do filme.

Outra chance que o livro teria para avançar o debate em sala de aula seria no texto sobre *Bollywood*. Uma pergunta de expansão do assunto é se alguém já viu algum filme da indústria cinematográfica indiana. Caso nenhum aluno tenha assistido, as instruções do LP sugerem a seguinte alternativa:

Se ninguém assistiu a um filme de *Bollywood*, proponha outras perguntas para discussão sobre tipos de filmes (por exemplo, Você gosta de animações / filmes de ficção científica / documentários / musicais? Por que sim ou não?).<sup>14</sup> (RICHARDS; HULL; PROCTOR, 2012, p. 97-T).

Essa seria uma ótima oportunidade para mostrar parte de um filme indiano e compará-lo com os filmes de *Hollywood* ou então do cinema brasileiro, porém o LP restringe-se a mudar o assunto.

Tabela 4 – *Touchstone* (Cambridge) – Unidade 12, *Fabulous food*

**Tabela 4 – Resultados da verificação do livro *Touchstone*.**

	Variação Linguística	Conteúdo cultural americano ou britânico	Diversidade cultural	Conteúdo neutro
Nº Páginas LA (total 10)	-	01/10	02/10	10/10
Nº Imagens LA (total 17)	-	01/17	03/17	13/17
Nº Textos LA (total 04)	-	-	03/04	01/04

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme resultados da pesquisa.

A Tabela 4 mostra que, do total de dez páginas, nenhuma foi dedicada à variação linguística; uma mostrou conteúdo da cultura americana ou britânica; duas páginas apresentaram diversidade cultural; e dez trouxeram conteúdo culturalmente neutro. Do total de 17 imagens, nenhuma foi sobre variação linguísticas; uma mostrou algum aspecto da cultura americana ou britânica; três apresentaram características de diversidade cultural; e 13 imagens foram consideradas neutras. Em relação aos textos (quatro no total), nenhum foi sobre variação linguística e a cultura americana ou britânica; três textos fizeram referência a culturas de outros países; e um texto apresentou conteúdo neutro.

<sup>14</sup> Texto original: “If no one has seen a Bollywood movie, offer alternative discussion questions about movie types (e.g., Do you like animated movies / science fiction movies / documentaries / musicals? Why or why not?)”.

A verificação dos dados da amostra de *Touchstone* apresenta similaridade com o livro anterior, *Interchange*. Há a preferência por abordar o assunto através de recursos visuais neutros, estando a diversidade cultural somente presente em duas páginas, através de um texto dividido em três partes e de uma imagem de um país asiático (o qual o livro não especifica). O conteúdo característico dos EUA ou RU foi apresentado em somente um texto, e mesmo assim não fica clara a origem do local. Já que se trata de um material que tem por base o inglês americano, presume-se que o texto seja sobre um restaurante nos EUA.

Informações sobre variação linguística, assim como nas outras amostras, quase não aparecem nesse material. A única instância em que algo poderia ser considerado como um comentário sobre formalidade e informalidade (e conseqüentemente questões de posicionamento social poderiam ser levantadas) é o uso de *would you like...* para fazer perguntas mais educadas, como sugere as instruções do LP:

*Would you like* e *I'd like* são muitas vezes ensinados como formas 'mais educadas' de *Do you want...?* e *I want*. Esta é uma orientação útil para os estudantes. No entanto, formas com *would like* são na verdade bastante usadas quando as pessoas falam informalmente<sup>15</sup> (MCCARTHY; MCCARTEN; SANDIFORD, 2014, Language notes B).

O material, contudo, não sugere tópicos de discussão sobre o assunto, levando em conta situações em que se poderia usar *I'd like* e *I want*, com quais pessoas, etc. Além disso, o material apresenta o uso das expressões *or something (like that)...* e *or anything (like that)...* mas restringe-se a propor conversas em que os alunos "devem" usar tais expressões, sem levantar questionamentos sobre se seu uso é apropriado em qualquer situação.

Finalmente, o assunto da unidade é comida, e isso poderia abrir múltiplas oportunidades para introduzir conteúdo culturalmente diversificado aos alunos, pois não somente a comida é uma das expressões mais autênticas de regionalidade, mas muitas vezes os nomes dos pratos não são traduzidos, conservando na palavra elementos dos países de origem.

Após a observação de todas as amostras, foi possível constatar que variação linguística de qualquer natureza ainda tem um espaço

<sup>15</sup> Texto original: "Would you like and I'd like are often taught as "more polite" forms of Do you want ... ? and I want. This is a useful guideline for Ss. However, forms with would like are actually often used when people are speaking informally".

bastante reduzido ou inexistente em livros didáticos. Tal constatação vai contra a realidade da sociedade, em que pessoas de todo o mundo viajam, conhecem outros países, trabalham e convivem com pessoas de diferentes origens e têm o desejo de entender e ser entendidos. Embora os áudios não tenham sido analisados, onde seria mais fácil verificar os aspectos de variação estudados por Labov, é possível que este conteúdo também não apresente muitas diferenças, como entonação e sotaque, baseado nas escolhas do conteúdo impresso. Nesse sentido, a hipótese de que os livros trazem em sua maioria o *standard English* foi confirmada.

Com relação ao conteúdo cultural apresentado nas amostras, foi observada uma divisão entre livros de inglês britânico e inglês americano. Os livros britânicos mostraram uma tendência a expor os alunos (através de imagens, textos e escolha de tópicos) a aspectos da cultura americana/britânica e de outros países de forma mais equilibrada, sendo a amostra de *Global* a mais culturalmente diversificada de todas. Já os livros americanos apresentaram predominância de conteúdo neutro, com muito poucas alusões à cultura de qualquer país. Nesse caso, a hipótese de que os conteúdos apresentados nos livros seriam predominantemente americanos e britânicos não se sustentou.

### Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de verificar o conteúdo dos livros didáticos de EAL para adultos levando em consideração variação linguística e diversidade cultural, no sentido de iniciar uma discussão sobre a inclusão de mais desses elementos no material didático. Mesmo que seja impossível abordar todas as diferenças regionais e culturais abarcadas na língua inglesa, é possível que a exposição a algumas delas torne a experiência de ensino-aprendizagem de inglês mais próxima ao que vemos na realidade, embora isso acarrete, invariavelmente, escolhas quanto a qual conteúdo seria incorporado ao material. Em relação à utilização de conteúdo culturalmente diversificado, fica a dúvida do motivo da diferença entre os materiais americanos e britânicos, sendo necessária uma exploração mais detalhada para entender tal diferença.

Outra questão é que os livros do professor estão aí para orientar e facilitar a vida do profissional que muitas vezes possui muito pouco tempo para preparar uma aula customizada, tendo que confiar nas instruções do material de apoio para realizar suas aulas. Seria um avanço se mais lições propusessem debates sobre características culturais e

linguísticas de diferentes regiões com informações detalhadas no livro do professor.

Finalmente, para uma constatação mais precisa do material utilizado atualmente, é sugerido que mais elementos sejam analisados, como áudios, material extra e também outros níveis para se ter uma visão completa de cada coleção.

## Referências

BARBARA, V. Learning to speak Brazinglish. **The New York Times**, Nova York, 8 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/11/09/opinion/barbara-learning-to-speak-brazinglish.html>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

BRISOLARA, V. S. O ensino de línguas adicionais e a construção de identidade entrelínguas. In: CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, v.1, 2012. **Anais do II CIDS**, São Luís: EDUFMA, 2012. p. 2143-2151. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/540229-ANAIS-II-CIDS-2012/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CLANFIELD, L. *et al.* **Global**. Macmillan Education, 2011. Disponível em: <<http://www.macmillanenglish.com/products/global-intermediate-coursebook/>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

CLANFIELD, L.; BENNE, R. R. **Global Intermediate Teacher's book**. Oxford: Macmillan, 2011.

COUNCIL OF EUROPE. **Relating Language Examinations to the Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment (CEFR)**. The revised version. 2009. Disponível em: <[http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Manuel1\\_EN.asp](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Manuel1_EN.asp)>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DOFF, A. *et al.* **Empower**. Cambridge University Press, 2015. Disponível em: <<http://www.cambridge.org/br/cambridgeenglish/catalog/adult-courses/adult-general-english/cambridge-english-empower>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ERARD, M. How English is evolving into a language we may not even understand. **Wired**. 23 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.wired.com/2008/06/st-essay-23/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

KUMARAVADIVELU, B. A lingüística aplicada na era da globalização. In: MOITA-LOPES, L. P. **Por uma lingüística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Some sociolinguistic principles. In: PAULSON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics: The Essential Readings**. Malden: Blackwell, 2003.

MCCARTHY, M.; McCARTEN, J.; SANDIFORD, H. **Touchstone Second Edition**. Cambridge University Press, 2014. Disponível em: <<http://www.cambridge.org/br/cambridgeenglish/catalog/adult-courses/touchstone-2nd-edition>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RICHARDS, J.; HULL, J.; PROCTOR, S. **Interchange Fourth Edition**. Cambridge University Press, 2012. Disponível em: <<http://www.cambridge.org/br/cambridgeenglish/catalog/adult-courses/interchange-4th-edition>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

TAGLIAMONTE, S. A. **Variationistic Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation**. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.

Recebido em: 25 de jan. de 2017.  
Aceito em: 20 de jul. de 2017.